



UFF- UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO EM PRODUÇÃO CULTURAL

CAROLINA DA SILVA SANTOS

Diálogos e reflexões sobre a mulher na sociedade: uma intervenção no cotidiano escolar.

NITERÓI, RJ

2019.

Carolina da Silva Santos

Diálogos e reflexões sobre a mulher na sociedade: uma intervenção no cotidiano escolar.

Monografia apresentada como requisito de conclusão de curso de Bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Miranda Sepulveda

NITERÓI, RJ

2019.

Carolina da Silva Santos

Diálogos e reflexões sobre a mulher na sociedade: uma intervenção no cotidiano escolar.

Monografia apresentada como requisito de conclusão de curso de Bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense.

Aprovada em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Antonio Miranda Sepulveda (Orientador - UFF)

Profa. Dra. Marina Bay Frydberg - (UFF)

Profa. Dra. Denize Sepulveda (UERJ)

NITERÓI, RJ

2019.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que lutam de todas as possíveis formas por um mundo livre de todos os tipos de violência de gênero e qualquer preconceito. “Ninguém solta à mão de ninguém”.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só se tornou possível pelo apoio e motivação de Dona Angela Cristina, minha mãe, que em toda sua vida lutou contra o machismo e todos os tipos de opressão e violência que sofre uma mulher –ainda mais sendo mãe solteira. Dedicada, ela me deu todos os suportes que estavam ao seu alcance para que eu me tornasse a mulher que sou e para que hoje estivesse concluindo mais uma graduação.

Agradeço aos professorxs da Universidade Federal Fluminense que com muito carinho contribuíram com minha formação. Em especial ao meu orientador, José Sepulveda, que com muita dedicação motivou-me e auxiliou-me neste projeto.

Também agradeço aos professorxs da Faculdade de Formação de Professores, em especial aos Professores Astrogildo de França e Matheus Grandi, que com muita dedicação me incentivaram nos primeiros passos para traçar esta pesquisa.

À Professora Denize Sepulveda e seu grupo de estudos GESDI – “Gêneros, Sexualidades e Diversidades nos Vários Espaços Tempos Cotidianos”, que com sua sensibilidade e conhecimento me fizeram ver as possibilidades de debater sobre as questões relativas aos gêneros na universidade, auxiliando em diversas discussões para o meu crescimento pessoal e profissional.

Ao Programa UFF Mulher e o grupo de pesquisa NUDHES e todos que dele faziam parte, em especial à Professora Nívea Barros Valença e à Professora Rita Freitas.

A todas as pessoas que fazem parte do corpo escolar que participaram, incentivaram e que me possibilitaram a reflexão, na criação desta proposta.

A todos os amigos que sempre me apoiaram nessa trajetória acadêmica e foram essenciais para que os dias dentro desses muros fossem mais alegres e positivos. Agradeço particularmente a todas essas pessoas, mas tenho em meu coração muitas outras, e desejo sempre que sigamos em luta contra todo tipo de preconceito. Não nos ausentaremos jamais de lutar contra o racismo, machismo, homofobia, sexismo, pedofilia, gordofobia e outros muitos diversos tipos de violência que vivemos nesta sociedade. Sigamos firmes!

RESUMO

SANTOS, Carolina da Silva. Diálogos e reflexões sobre a mulher na sociedade: uma intervenção no cotidiano escolar. Monografia em Produção Cultural. Departamento de Artes – Universidade Federal Fluminense. Niterói – 2019.

Este trabalho tem como interesse debater a partir de uma experiência no cotidiano escolar a busca do enfrentamento às formas de violência de gênero que ocorrem contra a mulher. Colaborando para o aumento da visibilidade de uma problemática social usando do espaço escolar para desenvolver e estimular a interação, criação e participação dxs alunxs para assim discutir o tema. Partindo de reflexões no campo da educação e da cultura, apresenta a organização da atividade e como se deu essa proposta, assim como os objetivos alcançados. A promoção, ampliação e provocação sobre o debate que relaciona feminismo e violência contra mulher também compõe as tônicas do que será apresentado. Trazendo questões que podem contribuir com a reflexão sobre a mulher na sociedade, aguçando o debate no ambiente escolar sobre a mesma. Com isso, o anseio está em apontar os debates feitos sobre o feminismo no Brasil e sobre os tipos de violência de gênero, identificar o espaço e o contexto escolar que esse tema pode ser abordado desenvolvendo um trabalho nele. A metodologia adotada objetivou de um relato de experiência desenvolvido na escola e, partindo deste, para elaboração de uma nova proposta. Tem-se como horizonte buscar auxílio na diminuição da violência, extingue-la e garantir a proteção das mulheres.

PALAVRAS CHAVES: Feminismo. Violência Contra mulher. Projeto Cultural. Escola.

Resumen

SANTOS, Carolina da Silva. Diálogos y reflexiones sobre la mujer en la sociedad: una intervención en el cotidiano escolar. Monografía en Producción Cultural. Departamento de Artes - Universidad Federal Fluminense. Niterói - 2019.

Este trabajo tiene como interés debatir a partir de una experiencia en el cotidiano escolar la búsqueda del enfrentamiento a las formas de violencia de género que ocurren contra la mujer. Colaborando para el aumento de la visibilidad de una problemática social usando el espacio escolar para desarrollar y estimular la interacción, creación y participación de los alunxs para así discutir el tema. Partiendo de reflexiones en el campo de la educación y la cultura, presenta la organización de la actividad y cómo se dio esa propuesta, así como los objetivos alcanzados. La promoción, ampliación y provocación sobre el debate que relaciona feminismo, violencia contra la mujer también compone las tónicas de lo que será presentado. Trayendo cuestiones que pueden contribuir con la reflexión sobre la mujer en la sociedad, aguzando el debate en el ambiente escolar sobre la mujer en la sociedad. Con ello, el anhelo está en apuntar los debates hechos sobre el feminismo en Brasil y sobre los tipos de violencia de género, identificar el espacio y el contexto escolar que ese tema puede ser abordado desarrollando un trabajo en él. La metodología adoptada objetivó de un relato de experiencia desarrollado en la escuela y partiendo de éste, para la elaboración de una nueva propuesta. Teniendo como horizonte auxiliar en la disminución de la violencia, extinguirla y garantizar la protección de esas mujeres.

PALABRAS CLAVES: Feminismo. Violencia contra la mujer. Proyecto Cultural. Escuela.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Percentual de violência em São Gonçalo. Dados Dossiê da Mulher 2018.	16
Figura 2 - Imagem do Mural da Escola - 2016 - (Foto retirada pela autora do Projeto)	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. MOVIMENTO FEMINISTA E VIOLÊNCIA.	11
1.1. A luta e o movimento feminista.	11
1.2. A violência contra mulher - Violência doméstica.	16
2. A EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL DRº NILO PEÇANHA EM SÃO GONÇALO - RJ, UMA INTERVENÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR.....	20
2.1. Aproximação com o tema e o Colégio Estadual Dr. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.....	20
2.2. Modelo de projeto apresentado no Colégio Estadual DR. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.	21
2.3. - Relatório do Projeto feito no Colégio Estadual DR. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.....	26
2.4. Análise da atividade no Colégio Estadual DR. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.....	27
3. DIÁLOGO ENTRE PRODUÇÃO CULTURAL E COTIDIANO ESCOLAR.....	30
3.1. Movimento de Mulheres em São Gonçalo.....	31
3.2. Projeto de intervenção no ambiente escolar.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão (FREIRE, 1987, p. 29).

Ao longo do curso de Produção Cultural, várias foram as questões que suscitaram interesse pela investigação. No entanto, a partir da participação em um programa de estágio em escola pública engendrou-se uma vontade especial em contribuir e elaborar algo naquele ambiente. O que também motivou a elaboração desta monografia foi o fato dela se debruçar sobre uma questão de alta complexidade e relevância social, visto que há uma persistência de situações de diversos tipos de violência contra mulher que se desenvolveram ao longo dos tempos e que permanecem nos dias atuais.

Este trabalho está sendo redigido em cima da recuperação de um material resultante de um projeto de oficina aplicado com seis turmas do terceiro ano (matutino) do ensino médio do Colégio Estadual Doutor Nilo Peçanha - em São Gonçalo – RJ, em 2016. Refletindo por meio desta proposta, como se pode auxiliar na construção da discussão com estes alunos¹ do ensino médio sobre a mulher na sociedade. Tendo a oportunidade de colocar em prática um projeto dentro do ambiente escolar e buscar a partir dessa experiência propor novas propostas para esse ambiente.

O trabalho está dividido em três partes, cada uma com seu objetivo específico. Na primeira parte, um breve olhar sobre movimento feminista e gênero, apresentando os tipos de violência que mulheres sofrem. Na segunda parte, um relato sobre a aproximação e criação da proposta, modelo do projeto, elaboração e suas conclusões. Na terceira parte, propõe-se viabilidade e possibilidades de sua continuidade — relacionando todo material recolhido com o objetivo de contribuir com a temática. Neste, elabora-se um projeto que possa dar continuidade ao que já havia sido feito na experiência anterior, dando novas propostas e possibilidades para um trabalho contínuo nas escolas municipais de São Gonçalo.

Com isso, buscou-se neste trabalho basear o projeto em cima de trazer o debate sobre as formas de violência de gênero que ocorrem com a mulher², traçando alguns objetivos como atualizar-se a respeito dos debates que são feitos sobre feminismo no Brasil, relatar a atividade proposta na escola e suas questões, e propor uma intervenção no cotidiano escolar.

¹ Utilizarei o “X” nas palavras, sendo uma linguagem que expressa maior igualdade entre homens e mulheres do ponto de vista linguístico e gramatical. Considerando que a generalização é sexista e machista.

² Neste trabalho não ocorreu um debate sobre a multiplicidade dessa temática no que tange os gêneros e sexualidades individuais, mas baseamos a atividade em dialogar em cima de casais héteros e cisgêneros.

Para isso, é importante buscar elementos teórico-metodológicos para incorporar temas como a posição da Mulher na sociedade, os movimentos feministas e a escola. Buscando, assim, avançar e contribuir para dar maior visibilidade a temas que ficavam muitas vezes à margem.

São trazidas à tona questões que podem contribuir para uma reflexão sobre a mulher na sociedade através do uso de instrumentos teórico-conceituais, considerando um comprometimento com a sociedade. Dessa forma, ressaltamos a consciência em relação aos limites aos quais é possível chegar com a abordagem de um assunto tão complexo.

Pensar este processo envolve todas as relações que produzem e reafirmam a objetivação da mulher, analisando abordagens que possam contribuir para diminuição desses casos, a partir de práticas educativas, articuladas com movimentos sociais e instituições, assim, colaborando com o desenvolvimento de políticas sociais. Refletindo sobre as relações, a forma como estas ocorrem na sociedade, como se organizam e materializam em ações sociais, culturais e políticas. Educar é transformar, de forma a fazer pensar em um todo como uma política de intervenção a violência. Visando também o fortalecimento da Lei 11.340/06 que tem em seus artigos:

Art. 8 VI - a celebração de convênios, protocolos, ajustes, termos ou outros instrumentos de promoção de parceria entre órgãos governamentais ou entre estes e entidades não-governamentais, tendo por objetivo a implementação de programas de erradicação da violência doméstica e familiar contra a mulher;

V – a promoção e a realização de campanhas educativas de prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher, voltadas ao público escolar e à sociedade em geral, e a difusão desta Lei e dos instrumentos de proteção aos direitos humanos das mulheres;

Art. 8 - VIII – a promoção de programas educacionais que disseminem valores éticos de irrestrito respeito à dignidade da pessoa humana com a perspectiva de gênero e de raça ou etnia;

Art. 35 - V – centros de educação e de reabilitação para os agressores.

Neste sentido, por se tratar de um trabalho monográfico do curso de Produção Cultural, objetiva-se que a elaboração deste trabalho estimule a reflexão sobre o processo de ações e projetos culturais com articulação e atuação nas escolas. Pensando em como são necessárias políticas sociais como fim de um processo pedagógico, para que esta permanência na violência não ocorra mais.

1. MOVIMENTO FEMINISTA E VIOLÊNCIA.

Este capítulo tem o interesse de abordar uma breve parte da história do movimento feminista ao longo da história, no Brasil, sabendo que a autora usou como base uma bibliografia escrita em português que abordasse elementos que contribuíssem para uma aproximação do tema de forma breve para que assim possamos usar esse material como base teórica para o projeto.

O resgate da trajetória do movimento feminista é importante para que seja possível compreender o contexto em que se configuram diversos processos que não constituem de forma alguma uma linearidade ou um roteiro. Mas, que auxiliam na compreensão de parte dos processos em que as lutas foram ganhando espaço. São décadas de resistência, pautas que vão se constituindo e se organizando ao longo dos anos, grupos que se unem e se desfazem ou se reorganizam.

Sendo assim, neste capítulo propõe-se um breve resumo que possa amarrar alguns pensamentos. Buscando organizar, uma parte conceitual, para que consigamos alinhar e unir alguns dos elementos que acabam ficando dispersos em uma pesquisa. Divide-se dessa forma o capítulo em dois subjacentes: o primeiro, fazendo um breve resumo sobre a trajetória do movimento feminista no Brasil e, o segundo, discorrendo sobre os tipos de violência cometidos contra a mulher, fazendo uma breve reflexão sobre a mesma.

1.1 - A luta e o movimento feminista.

As lutas das feministas no Brasil e no mundo se seguem por muitos anos – resultado de resistência e militância. O artigo de Cyntia Sarti (2004), intitulado “O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória”, trabalha a história do feminismo no Brasil e consegue fazer um importante levantamento sobre os caminhos conflitantes trilhados pelos movimentos de mulheres neste período. Evidencia, também, no que se refere ao contexto brasileiro, o ativismo da luta das mulheres por direitos.

As ondas feministas internacionais tiveram uma grande influência na militância brasileira – principalmente, a partir da década de 70 do século XX, quando se uniu a diversos outros grupos políticos na luta por direitos, modificando-se e tendo diversas divergências no contexto nacional nos períodos amargos da ditadura e da democratização a partir dos anos 1980 e 1990.

Enfrentando preconceitos e passando por diversas mudanças em sua estrutura de militância com o golpe militar de 1964, diversos movimentos (como o da causa feminista) não tiveram mais liberdade de se manifestar, tendo que atuar de forma mais velada e sofrendo forte repressão. Mostrando-se mais crítico e com novas propostas e desafios, além de reunir grupos de mulheres de diferentes classes sociais, o movimento feminista do século XX busca liberdade política e sexual. Luta, assim, contra toda uma sociedade conservadora e desigual, questionando a dominação do homem, afirmando o direito ao divórcio e direito legítimo, além de melhorias, à educação.

Sarti (2004) explica que nesse momento histórico, de levante a participação política das mulheres, ecoavam-se sons de resistência nas ruas, o que marcava pontos que delimitavam novos territórios, dando luz à mulher no cenário de luta por direitos e batendo de frente com as relações de poder estruturais, sociais e culturais.

O fim da ditadura deu novas possibilidades de mobilização que possuísem um caráter mais reivindicatório, tendo apoio internacional, que auxiliava na pressão feita sobre o Estado pela criação de políticas públicas, assim, estabelecendo vínculos com as organizações não governamentais feministas. Com isso, as lutas levaram a grandes conquistas. Uma delas foi em 1985, quando as primeiras delegacias para as mulheres foram criadas, mostrando que existe um problema social que não deve ser mais ocultado, mas sim denunciado.

Com novos espaços específicos sendo criados nos quais o Estado se abre para atender demandas específicas das mulheres. Ainda que a eficácia desses espaços seja questionável, esse se torna importante porque destaca a relevância dada por muitos grupos do movimento feminista tanto à criação de instâncias próprias na estrutura administrativa do Estado, quanto ao estabelecimento de espaços físicos que acolham essas novas instâncias.

As pautas feministas vão se avolumando e ganhando mais força, pondo em pauta os direitos reprodutivos e a violência contra a mulher, por exemplo. A esfera política após a ditadura fica mais acessível aos movimentos sociais e movimentos feministas.

Percebemos, assim, que após a ditadura o feminismo foi se adentrando na esfera política e conquistando aos poucos seu espaço em órgãos públicos importantes. Através da chamada Carta das Mulheres à Assembleia Constituinte, as demandas feministas foram apresentadas à sociedade civil, introduzindo as mulheres dentro do Congresso Nacional, para suas respectivas reivindicações de direitos igualitários – neste período se reconheceu o movimento feminista como o movimento da sociedade civil que mais conquistou vitórias. (OLIVEIRA e CASSAB, 2014. p.5).

Nesse contexto, a Organização das Nações Unidas (ONU), em 1975, declara aquele ano como o Ano Internacional das Mulheres, contribuindo para o fortalecimento dos movimentos feministas ao reconhecer que a situação da mulher é um problema social, auxiliando assim na expansão dos movimentos em prol das mulheres que, em suas articulações vindas de camadas médias e se vinculando com outras frentes populares, começavam a se caracterizar como movimentos interclasse e a expandir suas redes de atuação.

Assim, também reforça que a relação das mulheres com os movimentos sociais que buscavam melhorias no bairro as tirava de suas residências e as punham dentro de um ambiente político e as remontavam dentro desse novo espaço.

Com o decorrer do tempo, outras conquistas foram ocorrendo, como a instituição da Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, vinculada à Justiça em 2002, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, em 2003, tendo como função a articulação de políticas públicas para mulheres que atendam aos interesses e/ou necessidades das mulheres brasileiras. (OLIVEIRA e CASSAB, 2014, p.6).

Suzana Veleda da Silva (2007), por sua vez, nos mostra que as demandas das mulheres brasileiras nesse período do “início” do ativismo feminino vinham contra os altos custos de vida, a favor da inserção no mercado de trabalho (consequentemente atrelada a políticas públicas específicas, como a construção e manutenção de creches) e a questões salariais. Essas pautas as faziam caminhar lentamente por um espaço político. Ela cita em seu artigo as palavras de Vera Soares, que afirma que o “movimento de mulheres nos anos setenta trouxe uma nova versão da mulher brasileira, que vai às ruas na defesa de seus direitos e necessidades e que realiza enormes manifestações de denúncia de suas desigualdades” (SOARES, 1994 apud SILVA, 2007).

Assim, Silva (2007) nos apresenta que os diversos grupos de movimentos feministas no Brasil vêm trabalhando sobre diferentes pontos e abordagens sem constituírem, portanto, um movimento homogêneo. Houve distintos processos de mudança, hierarquização e institucionalização em meio às organizações do movimento, como o ocorrido por meio do grande crescimento das ONGs feministas.

Atualmente, as reivindicações dos movimentos feministas abarcam também o combate à violência no espaço doméstico (tanto física quanto psicológica), ao abuso e exploração sexual e à condição precária vivenciada ainda por muitas mulheres em países conservadores. Todavia, é importante assinalar que muitos aspectos da luta feminista inicial continuam, como a luta pelo direito ao aborto, ainda ilegal em

muitos lugares (como é na realidade brasileira), e o salário que, em muitos países, ainda é inferior ao dos homens. (SEPULVEDA, 2012. p. 200).

Os movimentos são constituídos por pessoas plurais que trazem consigo experiências diversas e que estão em constante transformação, processos que as modificam e as organizam enquanto coletivos ao redor de objetivos particulares e/ou públicos — mas também as afastam. Essas articulações, com seus espaços específicos, estimulam a configuração de novos sujeitos políticos que, por sua vez, também enfrentam situações cujas origens externas aos grupos acabam por influenciar as rotinas do movimento.

Envolta nessas análises, as espacialidades e a organização dos movimentos de mulheres e suas trajetórias são importantes, pois acompanham as lutas feministas. Silva (2007) cita em seu artigo que, para o sociólogo italiano Alberto Melucci:

Estes movimentos são uma forma de ação coletiva baseada na solidariedade, que se diferenciam de outros tipos de ação coletiva porque desenvolvem um conflito, rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação. Segundo Santos (1996) os movimentos sociais identificam novas formas de opressão que extrapolam as relações de produção e atingem grupos sociais transclassistas ou a sociedade, advogando um novo paradigma social. (MELUCCI, 1989 apud SILVA, 2007, P.3).

Muitas conferências e encontros foram realizados em prol de eliminar e minimizar a violência contra mulher, tanto com caráter nacional quanto internacional. É importante perceber que todos esses resultados são provenientes de muita luta e organização, pois tais conquistas são construídas por meio de muita pressão social organizada. Assim, se percebe a influência que os movimentos sociais —e nesse caso o movimento de mulheres— conseguem ao se unir, organizando e conquistando muitas coisas.

38. A Conferência sobre Direitos Humanos salienta principalmente a importância de se trabalhar no sentido da eliminação da violência contra as mulheres na vida pública e privada, da eliminação de todas as formas de assédio sexual, exploração e tráfico de mulheres para prostituição, da eliminação de tendências sexistas na administração da justiça e da erradicação de quaisquer conflitos que possam surgir entre os direitos das mulheres e os efeitos nocivos de certas práticas tradicionais ou consuetudinárias, preconceitos culturais e extremismos religiosos. (DECLARAÇÃO E PROGRAMA DE AÇÃO DE VIENA, Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, Viena, 14-25 de junho de 1993).

É importante olhar o movimento social como uma ação coletiva, na qual diferentes pessoas (sejam elas com distinções de raça, gênero, sexualidade, classe social, entre outras) se unam em diferentes grupos e distintas formas. Essa união se dá de acordo com um objetivo comum, algo que os une como coletivo, estabelecendo, assim, um sistema de relações.

Essa perspectiva ajuda a pensar como os movimentos se organizam e se caracterizam de forma a se estruturarem e se posicionarem no meio, de maneira muitas vezes expressiva e significativa. No caso dos movimentos populares brasileiros, sobretudo aqueles mais facilmente identificados como movimentos sociais urbanos, a presença de mulheres tornou-se marcante.

(...) [O]s movimentos populares no Brasil, como no conjunto da América Latina, trouxeram à cena política, de forma majoritária, a participação das mulheres. Enquanto na Europa esta presença se fez em torno das questões de gênero, na América Latina o movimento feminista foi importante, mas circunscrito a grupos específicos, mais intelectualizados. O maior contingente de participação foi nos movimentos populares, como demandatárias de reivindicações populares por melhorias, serviços e equipamentos coletivos, e não como demandatárias de direitos de igualdade entre os sexos. Foram elas que lutaram por creches, transportes, saúde etc. Elas participaram, e participam, dos mutirões para a construção da casa própria como mão-de-obra e como gerenciadoras dos processos. E a participação das mulheres nos movimentos populares, tanto urbanos como rurais, é um tema ainda pouco estudado. Certos aspectos da cultura popular - que estabelece "lugares e contribuições" para homens e mulheres - sempre estiveram presentes no interior dos movimentos populares. Fazer comida e cuidar das crianças eram "atribuições" das mulheres nos canteiros de mutirões. Entre as lideranças o número de homens é proporcionalmente maior que o de mulheres, e esta relação se inverte quando olhamos sua participação no conjunto do movimento. (GOHN, 2007, p. 293-4).

Percebe-se, assim, que a mulher entra como sujeito protagonista nos movimentos populares brasileiros. Lembrando que, anteriormente, o espaço doméstico era relegado à mulher, o espaço público era destinado aos homens. A exclusão da mulher do espaço público estava baseada no sexismo, sendo esta, uma discriminação baseada pelo gênero que em sua maioria atinge mulheres e em casos extremos pode estimular diversos tipos de violência e, nesse sentido, pode se perceber que foi construída toda uma “argumentação” de que ela não devia compartilhar as mesmas experiências, oportunidades e espaços do homem.

A exclusão é um processo sócio-histórico, e está presente na história da humanidade desde o princípio dos tempos. Na antiguidade, os estrangeiros, mulheres, crianças e escravos passavam por efetivos processos de exclusão. Na Idade Média, os servos, mulheres e crianças também sofriam os augúrios desses procedimentos. Na Idade Moderna, os camponeses, indígenas, negros, trabalhadores, mulheres, judeus padeceram o infortúnio da exclusão. (SEPULVEDA, 2012, p. 54).

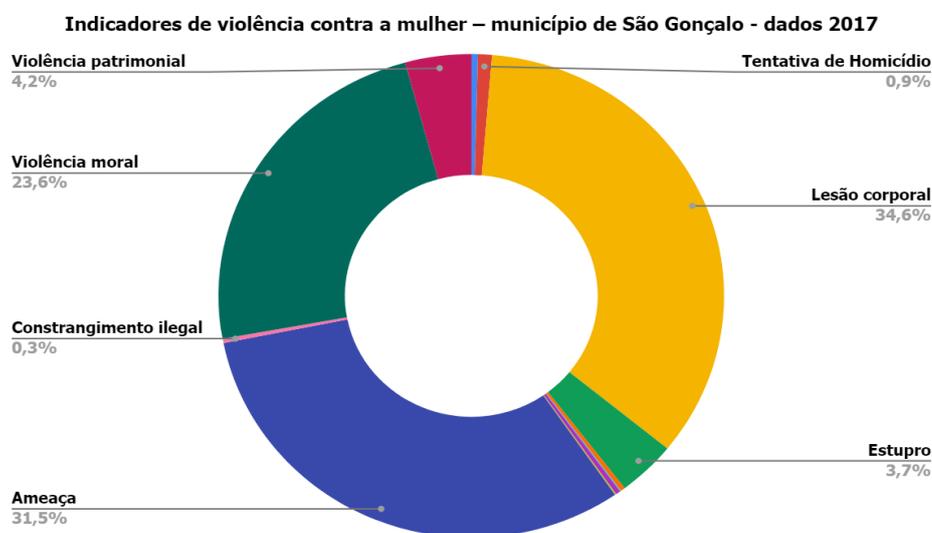
As diferenças e as desigualdades são construídas nas relações de poder, e é justamente no exercício delas que se teceram, ao longo da história, a visão de que homens e mulheres são diferentes. Todavia, essa diferença foi arquitetada como inferioridade, ou seja, as mulheres são seres naturalmente inferiores aos homens, estes sim vistos como superiores. A raiz da alegação social da diferenciação dos papéis atribuídos aos homens e mulheres parte justamente da questão da naturalização entre os dois sexos (SEPULVEDA, 2012).

1.2. A violência contra mulher - Violência doméstica.

É perceptível que, ao longo de nossa história, diversas transformações ocorreram no âmbito do movimento feminista, frutos de mobilizações que geraram novos rumos políticos e ideológicos. Esses caminhos são embasados e resultam em críticas e reivindicações de direitos igualitários entre homens e mulheres.

O recorte em debater violência e explicitar suas definições surge também por perceber que se torna necessário dar maior visibilidade a um dos temas que ecoam nas vozes de diversos grupos feministas e que tem sido colocado como bandeira forte da militância entre as feministas: a violência. Os dados de violência contra mulher reforçam a importância da temática.

Figura 1 - Percentual de violência em São Gonçalo. Dados Dossiê da Mulher 2018
(Elaborado pela autora).



Notamos, nesse gráfico, diversos tipos de violência e abusos registrados na DEAM de São Gonçalo no ano de 2017. Entre eles, o com maior número de registros é Lesão corporal e ameaça – violências comuns em pessoas que sofrem violência doméstica. Garcia (2004) explica que é na escala da casa, do espaço de convívio familiar, e coletivo, que tem se delimitadas as bases sociais que definem os papéis de gênero.

Nesse espaço, o corpo masculino também usufrui do privilégio do patriarcado que não o põe em disputa. É o corpo feminino que é subalternizado em uma cultura que se utiliza de diferenças biológicas para distinguir homens e mulheres e definir qual corpo disputa o uso desse espaço desde quais posições de poder pré-estabelecidas.

Com isso, Garcia utiliza o corpo para afirmar que em tal escala o sexismo é mais perceptível e que o sistema cultural é que alimenta esse fluxo de dominação e poder, processo que resulta em um espaço marcado por distinções de gênero e pela conseqüente luta política que elas implicam — chegando à ocorrência de diferentes tipos de violência de gênero que afetam a saúde física e mental da mulher. O corpo violentado é, portanto, uma materialidade é um símbolo forte dessa disputa.

Assim, torna-se relevante que consigamos diferenciar os tipos de violência que poderiam ser abarcados por este trabalho, para logo delimitar qual recorte me proponho a fazer. Primeiro, vale destacar o que seria violência. O que pensamos quando se fala em violência? Agressão, desrespeito, agressividade, desumanidade... Enfim, vários pensamentos podem vir a surgir. No dicionário escolar da língua portuguesa, 2009, busquei três definições que se tornam importantes nesse trabalho: Violência, violentado e violentador. O significado de violência é descrito como: agressão, desrespeito, transgressão da lei. Violentado como: estuprado, deflorado, agredido, desrespeitado. Violentador como: Ilegal, agressivo, subjulgador, que faz uso da força.

A violência pode ocorrer de forma física — por meio da agressão à integridade física, ocasionando até a morte da pessoa violentada — ou de forma simbólica — cuja construção é cultural e social, segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989). Vale pensar também que a violência passa pelas relações de poder e o poder sobre o indivíduo que é reforçado de forma que o outro se sinta no direito de ferir alguém, seja de qual forma for.

Suely de Almeida (2007) explica em seu livro “Violência de gênero e políticas públicas” as formas de violências que ocorrem contra a mulher e as agrupa sob a nomenclatura de quatro tipos: violência de gênero, violência contra a mulher, violência intrafamiliar e violência doméstica. Para ela, cada uma é entendida das seguintes formas:

Violência contra a mulher enfatiza o alvo contra o qual a violência é dirigida. É uma violência que não tem sujeito, só objeto; acentua o lugar da vítima, além de sugerir a unilateralidade do ato. Não se inscreve, portanto, em um contexto relacional.

Violência doméstica é uma noção espacializada, que designa o que é próprio à esfera privada - dimensão da vida social que vem historicamente contraposta ao público, ao político. Enfatiza, portanto, uma esfera da vida, independentemente do sujeito, do objeto ou do vetor da ação.

Violência intrafamiliar aproxima-se bastante da categoria anterior ressaltando, entretanto, mais do que o espaço, a produção e a reprodução endógenas da violência. É uma modalidade de violência que se processa por dentro da família.

Violência de gênero designa a produção da violência em um contexto de relações produzidas socialmente. Portanto, o seu espaço de produção é societal e seu caráter é relacional. (ALMEIDA, 2007, p. 23-24)

A violência contra a mulher está bastante relacionada às ideias culturais e sociais que delimitam o que é papel ou dever do homem e da mulher na sociedade, lembrando que não é de hoje que a mesma fere diretamente a saúde física, mental e psicológica das mulheres. A violência contra a mulher é uma expressão direta das diferenciações de gênero e da dominação do “poder” do homem. É importante perceber que as definições de gênero estão ancoradas em bases antigas de nossa sociedade e que devem ser olhadas junto às relações patriarcais e às relações de poder que hierarquizam os gêneros e definem uma posição do homem como superior à da mulher. Essas definições vale lembrar, estão bastante associadas às relações de desigualdade e opressão.

No contexto brasileiro, uma das referências no reconhecimento legal e na criminalização desses tipos de violência foi a instauração da Lei Maria da Penha (lei nº 11.340/2006). Aprovada em 2006, foi um marco importante proveniente de muitos ganhos anteriores e lutas incessantes para um caminhar de vidas livres de violência. Maria da Penha foi uma vítima direta da violência doméstica contra a mulher que tentou inúmeras vezes acionar o Estado e necessitou estar à beira da morte para que seu sofrimento tivesse maior visibilidade e se percebesse que seu caso era de extrema urgência, exigindo que algo fosse feito.

Foi um importante avanço proveniente de inúmeros atos e lutas de movimentos de mulheres que, sob muita pressão, obtiveram esta vitória. Mais recentemente foi reconhecido o crime de feminicídio, em Nove de março de 2015 que é quando uma mulher more por ser mulher sendo este termo utilizado no registro de homicídio de mulheres.

A violência contra mulher é um processo que teria duas fases —a de exploração e a de dominação— que caminham juntas de forma única (SAFIIOTI, 2004). Atualmente, cabem alguns questionamentos advindos da aplicação da Lei Maria da Penha. Um deles, por exemplo, seria: Mulheres negras, rurais, quilombolas, indígenas, pobres, lésbicas, transexuais entre outras que fujam do que é padronizado por nossa sociedade atual, sofrem violência da mesma forma? Então, não se torna necessário discutir qual conceito de mulher é usado por esta lei? Esse questionamento é importante para nossa reflexão, pois, existem perfis de corpos que passam por diversas e distintas situações de violência por serem mulheres em padrões fora do que a sociedade delimita. Porém todas estão expostas a elas mesmas em diferentes graus de perigo. Entre as violências sofridas pela mulher podemos destacar:

Violência física: ofender a integridade ou saúde corporal – bater, chutar, queimar, cortar, mutilar;

Violência moral: ofender com calúnias, insultos ou difamação – lançar opiniões contra a reputação moral, críticas mentirosas e xingamentos;

Violência psicológica: causar dano emocional, diminuir a autoestima, prejudicar e perturbar o pleno desenvolvimento social, controlar os comportamentos, ações, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação e isolamento, tirar a liberdade de pensamento e de ação;

Violência patrimonial: reter, subtrair, destruir parcial ou totalmente objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos;

Violência sexual: presenciar, manter ou obrigar a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força, que induza a mulher a comercializar ou utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade. (Lei nº 11.340/2006).

2. A EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO ESTADUAL DR° NILO PEÇANHA EM SÃO GONÇALO - RJ, UMA INTERVENÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR.

Neste capítulo, é apresentado um relato de experiência de uma intervenção no cotidiano escolar com o objetivo de analisar sua criação, produção e pós-produção, e com ela observar as possibilidades e oportunidades de continuidade, pensando na experiência e trazendo novas propostas de ação.

Este momento da pesquisa constituiu-se de duas partes. A primeira em se aproximar do cotidiano escolar dos alunos, observar sua rotina e assim, introduzir uma atividade com cunho colaborativo e reflexivo. Já a segunda com o foco de reconhecer, as potencialidades e problemáticas dessa experiência e dialogar com ela.

Com isso, a metodologia utilizada propôs usar a participação em algumas aulas na escola fazendo um primeiro contato com os estudantes. Na construção dessa atividade foram apuradas matérias que disponíveis no Instituto de Segurança Pública - ISP, na internet com fontes da sociedade civil, entrevistas, artigos acadêmicos, páginas web, artigos jornalísticos, páginas de redes sociais, blogs e relatórios de organizações a fim de tornar aos alunos a problemática exposta e que servissem de apoio para o debate em sala de aula.

2.1. Aproximação com o tema e o Colégio Estadual Dr. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.

Sendo o segundo município mais populoso do estado do Rio de Janeiro (perdendo apenas para a capital), São Gonçalo se localiza na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. A cidade possui uma extensão territorial de 247,709 km² e um contingente populacional expressivo estimado pelo IBGE no ano de 2017 em aproximadamente 1 (um) milhão de habitantes. Sua área é subdividida em cinco distritos (São Gonçalo, Ipiúba Monjolos, Neves e Sete Pontes) e em 91 bairros.

É nesta cidade onde se encontra a escola e onde a atividade foi organizada. A autora encontrava-se, como ouvinte em atividade de estágio, totalizando 60 horas. Ao longo dessa experiência foi observado turmas que tinham em média entre 16 e 19 anos, que estudavam no turno da manhã. Jovens que cursavam ainda o ensino médio, mas que já estavam inseridos no mercado de trabalho.

Ao longo deste período, muitos temas foram expostos em sala, mas, foi observado que temas como violências de gênero ou da mulher nunca foram citadas. Entre as primeiras impressões estavam que estes temas não tinham visibilidade naquele espaço o que chamava a

atenção, tendo em vista, que era uma escola grande que se localizava no centro da cidade. Isso pode ser visto a partir de um discurso conservador que acaba por ocultar alguns temas no ambiente escolar, além de toda a pressão que a sociedade, em especial as escolas, vem sofrendo com o debate sobre o Projeto Político da Escola Sem Partido³. Este poderia e acabaria influenciando o comportamento dxs professorxs e da equipe pedagógica mesmo ainda não sendo aprovado.

Com o tempo de estágio na escola, foi feita uma aproximação com estes professorxs, o que aguçou uma vontade de uma atividade em conjunto com esses estudantes para poder assim, aproximar o tema. Com isso, foi elaborado um breve projeto que cumpria uma atividade de aproximadamente 1h e 40 minutos, neste projeto foi apresentado, público alvo, objetivos, materiais necessários e descrição das atividades. Este projeto foi pensado para ser desenvolvido com um público inicialmente do Ensino médio com turmas de 3ºano que tinham aproximadamente 200 alunxs, dividindo em 6 salas. Essa atividade foi feita em 2 dias distintos em 6 blocos separados, cada bloco foi separado respeitando a divisão das turmas, mas também levando em consideração a quantidade de alunxs que iriam participar.

2.2. Modelo de projeto apresentado no Colégio Estadual DR. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.

Dialogando com o cotidiano escolar sobre a Mulher na sociedade	
Realização do Projeto: Colégio Estadual DR. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.	
PROPONENTE: Carolina da Silva Santos	
Endereço: Antonio Bragança, N° 100.	
Cidade: São Gonçalo- RJ	CEP: 24415-560
E-mail: carolinasantos90@gmail.com	Telefone: (21) - 98268-2674

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

O projeto visa à realização de uma atividade construída no Colégio Estadual Dr. Nilo Peçanha no município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro, em dezembro, no turno da manhã. Este propõe a interação em todas as esferas possíveis e imagináveis. Na tentativa

³ Escola sem partido é um projeto que causou muita repercussão nacional, pelo fato de buscar eliminar as discussões e reflexões aguçadas no ambiente escolar, restringindo os conteúdos de ensino e exigindo que o ensino fosse reprodutivo, passado de forma superficial com uma perspectiva de neutralidade dxs educadorxs, contrariando a liberdade de ensinar e aprender.

de realizar dentro de um mesmo espaço um debate que dialogue com xs alunxs problemáticas da sociedade que os envolvam: movimentos sociais, mulher e violência contra mulher, perpassando por esses temas outros que os dialoguem. Avaliando que essa seria uma oportunidade para desconstruir preconceitos e aguçar questionamentos.

Esta irá propiciar a abertura de um canal para diálogo com xs alunxs e professorxs sobre temáticas que muitas vezes ficam à margem dos debates da sala de aula. Para começarmos a tecer nossas primeiras teias, vamos apresentar essa proposta, tendo como público alvo estudantes do ensino médio, sabendo que possuem: interesses, ambições, idades e origens diversas, que diariamente são agrupadas nesse ambiente escolar.

Resolvemos, então, nos valer dessa pluralidade de experiências e histórias para dar forma a essa proposta dando a oportunidade de acolher e visibilizar a bagagem que cada indivíduo carrega em si mesmo, dialogando com o tema proposto. Respeitando suas experiências e abrindo espaço para suas questões.

JUSTIFICATIVA

A nossa sociedade se forma, a partir de inúmeras contradições e construções sociais que são base de muitos conflitos. Neste projeto, delineamos a figura da mulher e o movimento feminista na construção social. Pensando de forma crítica e reflexiva sobre o machismo, sexismo, a violência de gênero que constituem os elementos de compreensão das problemáticas sociais que permeiam o homem/espaço/mulher/meio/sociedade. Logo, buscando quebrar as barreiras culturais que acabam reforçando a superioridade masculina e as relações de poder.

Este projeto se torna importante por tocar em um tema de extrema complexidade tendo, em vista os dados alarmantes de violência contra mulher, onde, os dados mostram que São Gonçalo possui inúmeras denúncias feitas na DEAM.

Dessa maneira, podemos buscar formas de contribuir com o debate e com reflexões sobre o tema. Usando dos elementos fundamentais que construímos ao longo de nossa formação, pensando sobre a vida em uma sociedade capitalista e nas relações sociais que se instauram nela de forma que possamos discutir para avançar e pensar, também, no papel da cultura e a importância dos movimentos sociais articulados a uma reflexão sobre o espaço escolar. Reconhecemos assim, que um estudo dedicado a compreender a cultura machista, violenta e agressiva em uma perspectiva crítica se faz necessário.

Essa iniciativa surge na perspectiva de idealizar e realizar um projeto que atendessem as demandas de determinado grupo social, ou seja, um debate reflexivo. Sabendo que são

poucas as oportunidades desse tipo de intervenção, além pouco tempo hábil para realiza-la. Portanto, busca-se fugir de uma abordagem apenas teórico-conceitual, onde, ficamos muitas vezes presos por um formato nada estimulador. E, com essa proposta, a intenção é motivar e aguçar axs estudantes: participar, aprender e a dialogar sobre o tema proposto.

Intenta discutir, no ambiente escolar, temas a partir de uma perspectiva de gênero. Sendo possível tendo, em vista, que já houve um contato anterior com xs alunxs, o que acaba por facilitar o diálogo e a participação. Utilizando-se de um tempo curto em sala de aula não atrasando os conteúdos propostos no cronograma dxs professxres. Contando no desenvolvimento dessa proposta dois profissionais, sendo um deles a própria professora da turma. Esta atividade não acarretará nenhum custo ao orçamento escolar.

PÚBLICO ALVO: alunxs de ensino médio Série: 3ºano.

OBJETIVOS:

GERAL: Realizar, através de uma oficina, um diálogo com alunxs do ensino médio do Colégio Estadual Doutor Nilo Peçanha, situado no bairro da Zé garoto, em São Gonçalo, partindo de seus relatos e experiências um debate sobre gênero, violência contra mulher e temas que envolvem essa temática. Provocando um debate sobre temas que são negligenciados em nosso cotidiano. Espera-se que os resultados expressem as possibilidades dessas temáticas nesse espaço formativo.

ESPECÍFICOS:

1. Promover uma atividade que incentive xs estudantes do ensino médio a interagir e se aproximarem do debate.
2. Estimular e articular uma construção coletiva no cotidiano com a vida escolar;
3. Aproximar e incentivar xs jovens estudantes a descobrir, explorar, refletir e questionar sobre o tema proposto.

ESTRATÉGIA DE AÇÃO

01. Parte - Feita individualmente em casa: a turma poderá se dividir em grupos e escolher a trazer uma das atividades propostas em casa ou as duas.
 - Proposta 1- Atividade de pesquisa com recorte de jornal sobre qualquer tema, mas que a mesma esteja vinculada a mulher - Trazer para aula.

- Proposta 2- Pesquisar o que é um movimento social e desenvolver com suas próprias palavras trazendo um exemplo de movimento social que articule no Estado do RJ ou em sua cidade.
02. Parte - Diálogo sobre o material trazido ou produzido.
- Buscando um canal entre a construção coletiva e a importância dos movimentos sociais e a luta por direitos sociais.
 - Analisar com elxs as notícias que serão trazidas pelxs alunxs e como são as imagens veiculadas na mídia sobre a mulher e os diversos tipos de situação em que estão inseridas.
03. Parte - A turma será convidada a formar um círculo e a pôr as imagens no centro da sala e ir junto buscando similaridades e diferenças entre as notícias e imagens.
- Após as manifestações dxs alunxs, caberá à articuladora da atividade fazer a relação entre os itens que mais aparecerem, escrevendo frases ditas e pensamentos no quadro. Serão feitas perguntas sobre o que eles já ouviram falar sobre movimentos sociais, como se organizam em diferentes espaços e territórios.
 - Cada estudante ou grupo que trouxer a atividade proposta irá expor a imagem ou o que foi pesquisado para xs colegas e os mesmo poderão interagir e dialogar sobre o que foi exposto.
 - Perguntas como: O que perceberam nessa imagem ou matéria?
Já conhecem esse movimento?
- Nesta parte torna-se, importante um contato anterior feito com a escola e a professora responsável pela turma. Criando um canal de comunicação e relação, pedindo que xs alunxs tenham autonomia em pesquisar e desenvolver seus pensamentos e reflexões sobre o que foi proposto.
04. Parte - A articuladora irá expor o tema que irá trabalhar (A Cultura Machista e sexista - Movimento Feminista - Movimentos Sociais) que irá direcionar a fim de ampliar os conhecimentos sobre o tema, buscando aguçar os alunxs sobre a construção social da mulher na sociedade patriarcal⁴. Buscando olhar as mulheres brancas, negras, LGBT's, periferias em diferentes escalas sociais. Usando de suporte as imagens trazidas por eles e algumas pela articuladora. Chamando atenção sobre os privilégios sociais e as construções feitas em cima delas.

⁴ O patriarcado é um sistema social que beneficia o homem em detrimento da mulher.

Temas abordados nessa atividade:

- Dialogar sobre a importância dos movimentos sociais feministas. Trazendo suas conquistas e história na luta no Brasil como: Direito ao voto, divórcio, dirigir, matricular-se no ensino superior, ocupar cargos executivos, usar ou não o nome de seu marido e realizar distintas atividades profissionais que antes eram destinadas apenas homens. Ex: motorista, taxista, juiz, pedreiro entre outros direitos burocráticos e sociais.
 - Discutir e listar as maiores conquistas que o sexo feminino alcançou no século XX em termos de: trabalho, remuneração salarial, vida familiar, participação na vida política, escolarização, vestimentas, contracepção, entre outros. Ao longo da atividade conjunta com xs estudantes elxs são estimulados a participar, intervir e interagir elencando exemplos.
 - Será lançada uma problemática na sala na turma: Quais direitos e espaços ainda faltam às mulheres conquistarem?
05. Parte - Será apresentado um conjunto de imagens (cenas de filmes e revistas), dados, mapas, estatísticas, matérias que possam colaborar como uma parte mais teórica que colabore e de base à atividade.
06. Parte - Como proposta de finalização dessa interação com as turmas, serão propostas atividades diferentes, na qual, serão de produção individual e coletiva, porém sem fim avaliativo.
 - Colagem e montagem de cartazes com imagens com o tema da aula
 - Produção de texto que dialoguem com o tema
 - Vídeos ou fotos que possam dialogar com o que foi apresentado
- Essas produções serão apresentadas e os temas nela abordados poderão ser escolhidos pelos grupos e expostos no formato em que eles acharem interessantes de forma a estimular a produção e elaboração de um produto como fim dessa atividade.

RECURSOS: Recorte de jornais trazidos pelos alunxs e a articuladora, Quadro, Slide, Retroprojeter, espaço físico para o encontro e exposição.

CRONOGRAMA

Quinta e sexta-feira, das 07h30min às 12h30min.

Duração: 01h e 40min. - 2 tempos de aula.

ORÇAMENTO

Nesta proposta optamos por buscar não gerar custos para a escola, tendo em vista as dificuldades enfrentadas no orçamento escolar e sendo um projeto piloto, proposto também como prática de experiência. Todo o material utilizado será o que a escola disponibilizar.

Axs professorxs que participaram da atividade a mesma, será feita no seu tempo de aula, com prévia autorização do mesmo. Confeccionando certificados de participação.

A responsável da proposta e que irá promover essa atividade será oferecido comprovação de atividade complementar, além de a mesma fazer parte do seu horário de estágio.

Axs estudantes atividade será feita no horário da aula sem nenhum tipo de interferência em seu cronograma escolar.

2.3 - Relatório do Projeto feito no Colégio Estadual DR. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.

Essa atividade foi feita em uma sala diferente da que os alunxs frequentavam, porém dentro da mesma unidade. Foi montada uma apresentação, na qual, havia diversas definições e explicações sobre temas relacionados a gênero e feminismo. Seguidos de dados que chegassem as estatísticas e dados de violência contra mulher na cidade.

É importante destacar de forma mais clara o ambiente e o contexto da sala. Sendo esta, uma sala mista composta por homens e mulheres, brancxs e negrxs de escola pública em uma cidade periférica São Gonçalo do Estado do Rio de Janeiro.

Sabendo que a maioria desses eram negrxs e que já trabalhavam e alguns já tinham filhxs que dependiam deles no contraturno. Cada bloco de turma teve uma reação e uma interação diferente. Xs alunxs se sentaram espalhados pela sala, de forma livre e despojada, uns inclusive no chão.

Essa atividade foi feita, dentro do horário de aula. Mas, de forma não obrigatória. Isto acabou por deixar xs alunxs mais livres, sabendo que a mesma, não era promovida pela professora da sala, é possível que essa não hierarquização do locutor, tenha contribuído para que ficassem mais à vontade. Sabendo também que mesma tinha intenção de uma roda de conversa e de forma colaborativa dialogar e construir junto à atividade. E não tinha cunho avaliativo.

Como parte do estágio, já havia ocorrido encontros com as turmas, mas apenas como observação, não havendo nenhum contato interventivo nas turmas. Na criação da proposta e

após sua aprovação que foi feito o diálogo direto com as turmas. Esse primeiro contato como parte do projeto foi pedido aos estudantes uma semana antes da atividade que buscassem em revistas e jornais imagens de mulheres em diferentes matérias e anúncios que chamassem a atenção deles e que as trouxessem. Além disso, foi proposto que pesquisassem sobre movimentos sociais que pudesse ter alguma articulação com a cidade.

Com isso, buscou-se criar um ambiente descontraído e interativo, uma abordagem diferente na proposta escolar. Acompanhado de uma apresentação e conforme os passava compactado com diversas imagens, ia conversando e construindo com os alunos.

2.4. Análise da atividade no Colégio Estadual DR. Nilo Peçanha em São Gonçalo - RJ.

Essa atividade trouxe uma experiência diferente do contexto escolar, onde além de ser fora da rotina também permitia espaço para interação e oportunidade de expressar suas dúvidas, preconceitos, senso comum. Durante a atividade diversos debates acabaram por surgir, por parte dos próprios alunos como: aborto, educação sexual, sexualidade, violência doméstica, oportunidades entre outros. Eles mesmos acabam contribuindo esse debate e colaborando junto aos colegas com reflexões e questões.

Os recursos utilizados auxiliaram na exposição de dados estatísticos que reforçam o conteúdo exposto e também auxiliavam na visibilização e participação dos alunos, o que deixou o trabalho mais fluido, pois, conforme iam surgindo os questionamentos, os dados e imagens eram eles expostos e acabavam por dialogar com eles.

Foram trabalhadas seis turmas - as primeiras 3 turmas de 3º ano e por não ser uma atividade obrigatória sem fim avaliativo. Os alunos poderiam ser dispersas, porém em todas as turmas ficaram cheias as salas de aula. As propostas iniciais pesquisa com recorte de jornal e Pesquisa o que é um movimento social foram feitas por alguns alunos, o que auxiliou na abertura de diálogo com eles.

Ao fim da atividade da apresentação e do diálogo feito em cima do material que foi trazido pelos alunos. Em todas as turmas foi proposta de produção independente de forma livre que abordasse algum tema exposto na sala sejam na produção de Cartazes, vídeos, fotos, textos, incentivando a individualidade e a criação a partir do tema.

Essa atividade teve fim no último dia de apresentação e não houve mais contato direto com a turma de forma a colaborar e incentivar que a proposta fosse levada adiante, também não houve mais contato com a escola o que impediu a dinâmica a seguir de forma

fluída. Mas, o que foi exposto de retorno - Em três turmas que a proposta de produção foi a elaboração de um texto durante a aula: Com questionamentos, reflexões, críticas, análises, uma dinâmica bem livre. Acreditamos de pelo fato está ocorrendo no momento da aula e de certa forma acompanhada, os alunxs não tiveram muito interesse em produzir, porém alguns fizeram, porém preferiram não entregar o que foi produzido, tendo em vista que não tinha cunho avaliativo. Nas últimas três turmas - os alunxs decidiram juntxs produzir alguns cartazes expor no mural da escola.

Figura 2 - Imagem do Mural da Escola - 2016 - (Foto retirada pela autora do Projeto)



11 curtidas

klouquinha Trabalho feito com muita dedicação por alunxs do CENP. Fiquei muito feliz em passar um tempo nessa escola. Colocando em prática um projeto que visa debater questões de gênero, sendo muito gratificante.

26 de novembro de 2016 • Ver tradução

Essa intervenção se mostrou valiosa, mas pode ser mais bem pensada, elaborada e construída, ao invés de ser tão pontual e específica, pois, com isso, acabou-se, deixando de lado diversas temáticas que são linkadas a ela. Notou-se o interesse e a construção participativa dxs alunxs e a necessidade de se dar mais atenção a outras temáticas que o tempo não disponibilizou. Nosso papel enquanto produtorxs pode também propiciar uma construção de atividades e projetos que possam intervir e fortalecer.

O fim da intervenção não foi pensado no pós-produção, pois, inicialmente pensou que se finalizaria com o que se trouxe da proposta, porém se percebeu que havia necessidade de acompanhar mais um pouco as turmas e dialogar com a coordenação o que acabou por deixar escapar elementos que poderiam ser importantes para além do que foi percebido ao longo do projeto que poderiam ter diferenciado a participação e a produção proposta na avaliação final. E isso faz com que repensemos os métodos. Porém é importante frisar que a participação massiva dxs estudantes ocorreu na hora da aula, mesmo com alguns conflitos houve respeito.

Todos tinham uma noção, pensamento, questionamento e crítica ao tema, alguns participaram mais e outros menos. Foram feitos depoimentos, perguntas e experiências diversas, inclusive conflitos. As meninas participaram mais que os meninos, porém todxs em sua maioria tentaram acrescentar de alguma forma mesmo que se opondo ou criticando a temática.

A proposta de atividade se tornou satisfatório nesse sentido, além de dar autonomia axs estudantes em construir diálogo entre observação, teoria e prática, abriu o leque para temáticas que possam auxiliar em nossa formação individual e enquanto grupo. A turma teve a possibilidade de trabalhar de forma mais autônoma observando diferentes temas de acordo com cada ponto de vista. Mesmo nesse método de forma pontual acredito que o projeto atingiu seu objetivo. E é essencial a continuidade do mesmo.

3. DIÁLOGO ENTRE PRODUÇÃO CULTURAL E COTIDIANO ESCOLAR.

Parte-se com o intuito de prosseguir com esse tipo de proposta no espaço escolar. Utilizando da experiência relatada no capítulo anterior, este tem interesse em dar seguimento ao que foi desenvolvido, porém de forma mais abrangente. Buscando estratégias, contatos com redes de apoio⁵ que possam apoiar e auxiliar na ampliação e continuidade do projeto.

Sendo assim, teceremos as primeiras teias dessa proposta que tem como objetivo alcançar a rede municipal de ensino de São Gonçalo, estando junto à secretária de educação articulando com trabalho desenvolvido pelo Movimento de Mulheres em São Gonçalo e o grupo de pesquisa Gêneros, Sexualidades, Diferenças nos vários Espaços Tempos da História e dos Cotidianos – GESDI com finalidade colaborativa e construída junto aos estudantes.

Com isso, possibilitando uma intervenção no cotidiano escolar, porém, não de forma pontual. Mas, de forma contínua. Por ter percebido que houve um público atraído e estimulado a participar e interagir. Tendo nessa proposta um trabalho articulado com alunos do ensino fundamental do segundo segmento das escolas municipais de São Gonçalo usando como apoio seu regimento:

Art. 6º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- III – Respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- IV – Valorização do profissional da educação escolar;
- V – Gestão democrática do ensino público;
- VI – Garantia de padrão de qualidade;
- VII – Valorização da experiência extra-escolar;
- VIII – Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;

Nessa proposta, construímos junto ao ano letivo, com participação de toda comunidade escolar, o estímulo a distintas atividades e intervenções culturais com finalidade de modificar e/ou auxiliar na educação e reeducação de jovens que vivenciam esse espaço.

Esta ocorre por percebermos os altos índices de violência contra mulher, sendo assim, buscaremos incentivar formas de dialogar este e diversos temas e questões que estão

⁵ Com o apoio e articulação com o Movimento de Mulheres em São Gonçalo e a Secretária de Educação de São Gonçalo, busca-se, criar um canal de diálogo com outras organizações como universidades, Delegacia de mulheres em São Gonçalo, Centro Especial de Orientação à Mulher entre outros, que possam ser convidadas, para auxiliar em palestras e atividades, organizadas junto ao cronograma escolar. Estas configurando uma Rede.

⁶ A proposta é um diálogo com o grupo de pesquisa Gêneros, Sexualidades, Diferenças nos vários Espaços Tempos da História e dos Cotidianos - GESDI grupo que é organizado pela Prof^a. Dra. Denize Sepulveda, que se encontra quinzenalmente na UERJ/FFP. Debatendo sobre diversas temáticas que permeiam a história das mulheres, gêneros e sexualidades dialogando com a formação de professores e o ambiente escolar.

amarradas a essa temática, auxiliando na reflexão e diálogo que possa estimular a participação, criação e o pensamento crítico sobre essa problemática social.

“A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.” (FREIRE, 1987, p.41)

3.1. Movimento de Mulheres em São Gonçalo.

Sabendo que para fortalecer este trabalho é importante conhecer a rede de proteção e apoio a mulher na cidade, acredita-se que o trabalho desenvolvido a mais de 28 anos pelo ONG - Movimento de Mulheres em São Gonçalo (MMSG) deve ser visibilizado neste documento, buscando não apenas isto, mas também apoio.

Tendo entre suas principais linhas de ação: enfrentamento à violência de gênero, violência doméstica e sexual contra crianças, adolescentes e mulheres entre outros. Por tratar-se de uma ONG, não pode ter fins lucrativos, mas pode receber financiamento direto do Estado via projetos, de empresas e de indivíduos. Com isso, a organização participa de editais, por meio dos quais suas integrantes conseguem manter a estrutura e dar prosseguimento as várias de suas atividades, como cursos, palestras, atividades externas, contratação de profissionais especializados entre outras coisas, além de doações. Entre, essas elas possui um edital com a prefeitura de São Gonçalo que disponibiliza a contratação de um de seus profissionais.

Essa relação de militância dentro do movimento configura ações específicas e com propósitos bem definidos, sobretudo com o objetivo de não desistir e persistir em seu trabalho de apoio e encorajamento de mulheres, crianças, jovens e adolescentes que estão vulneráveis. Uma organização que é reconhecida como parte do movimento feminista, debatendo e lutando por igualdade de gênero e contra qualquer tipo de violência. Mas também é uma entidade que se toma posse de território no município de São Gonçalo e luta, enquanto instituição da sociedade civil, pelo direito das mulheres, crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade com trabalho de acompanhamento, prevenção e apoio.

3.2. Projeto de intervenção no ambiente escolar.

Diálogos no cotidiano escolar	
Realização do Projeto: Escolas Municipais de São Gonçalo - RJ. - 2º Seguimento.	
PROPONENTE: Carolina da Silva Santos	
Endereço: Antonio Bragança, N° 100.	
Cidade: São Gonçalo- RJ	CEP: 24415-560
E-mail: carolinasantos90@gmail.com	Telefone: (21) - 98268-2674

INTRODUÇÃO

Essa iniciativa tem o interesse de dar continuidade a um projeto realizado no ambiente escolar, tendo em mente que se tornam necessárias ações de forma mais continuada e acompanhada. Portanto, busca-se, um trabalho junto à secretária de educação de São Gonçalo, Movimento de Mulheres em São Gonçalo redes de apoio e proteção da mulher, grupos de estudos e pesquisas e as escolas. Promovendo uma abertura desse espaço para construção desse debate na cidade. Este se torna viável, pois, utilizará do espaço físico da escola. Sem necessidade de recursos que sejam de difícil acesso solicitando autorização e apoio da Secretaria municipal de educação de São Gonçalo e apoio de pessoal e material do MMSG e convidando a participar de encontros e tecer diálogos entre a rede de apoio e proteção da mulher, grupos de estudos e pesquisas.

Este pedirá a parceria com a prefeitura solicitando a ela abertura no espaço escolar, assim, como apoio na confecção de certificados. E articulação com as escolas, redes de apoio e grupos de pesquisa como Gêneros, Sexualidades, Diferenças nos vários Espaços Tempos da História e dos Cotidianos - GESDI, onde busca-se, oportunizar o dialogo entre o espaço escolar e a universidade, trazendo pesquisadores que possam dialogar no ambiente escolar sobre as temáticas propostas neste projeto . Solicitando da ONG um trabalho em conjunto com a escola disponibilizando sua equipe que é composta por voluntárixs, associadx, colaboradores, profissionais especializados em diversas áreas como: Jurídica, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos entre outros que possam auxiliar e dar apoio a esse projeto. Solicitando a estes materiais de apoio que auxiliam na informação, instrução e divulgação. Essas parcerias podem ser importantes para que o trabalho na rede de ensino seja feito de forma, ampla e significativa.

Pois, existe o interesse de debater temas envoltos na sociedade de forma construtiva, reflexiva e crítica. Estimulando o debate com intuito de educar e reeducar, beneficiando para um questionamento sobre o que leva e como buscar meios de acabar com a violência contra mulher. Estimulando a todos a participarem de forma propositiva e criativa.

JUSTIFICATIVA

Esse projeto se originou através de um Programa de Estágio em que a autora, participou e desenvolveu nele um projeto de atividade no cotidiano escolar, mediante atendimento uma apresentação e diálogo na escola, observou-se a necessidade de integrar este de forma continuada no cotidiano escolar, pensando em outras atividades que juntas possam ser amarradas junto ao debate proposto com planejamento de ações, voltadas ao debate de gênero.

A oficina que será proposta como abertura do debate na escola é constituída/realizada em período que não prejudique o cronograma escolar da escola. Mediante uma organização direcionada ao objetivo de instigá-los e estimulá-los reflexão. Com uma análise de seu papel na sociedade.

A violência contra mulher em suas diferentes formas é uma das maiores problemáticas da sociedade. Pois ela atinge a saúde física e psicológica e sua liberdade individual. Entender e debater essa problemática se faz necessária para uma busca de enfrentamento. São inúmeros os fatores que influenciam ou interferem para que mulheres permaneçam dentro de um ambiente agressor. E dentro deste não é apenas ela que passa por essa violência, mas outras pessoas também vivenciam nesse mesmo espaço como crianças e adolescentes, no caso, seus filhos.

Portanto, evidenciam-se diversas dificuldades no cotidiano das mulheres, como as tarefas que a mulher possui além da sua vida profissional, uma vez que a maioria dos cuidados do lar, da casa e da família recai sobre ela. Da mesma forma, as políticas públicas ainda não garantem condições de bem-estar e qualidade de vida, sendo importante que se pense em políticas que contribuam para que mulheres tenham mais autonomia.

No entanto, existe de fato a necessidade de se mudar a ordem social de maneira que se consiga mudar todas as relações de opressão, sejam elas de gênero, etnia, religião ou classe social indo contra qualquer tipo de dominação de um grupo sobre outro. E, na violência doméstica, o que vemos é a dominação masculina expressada de forma brutal e abusiva. Em São Gonçalo, temos alguns fatores específicos que podem de alguma forma auxiliar na permanência da existência desse tipo de violência.

É um município com pouco investimento em diversos setores, com uma renda que varia em torno de um a cinco salários mínimos, com uma população de baixa escolaridade, tendo acesso a apenas uma universidade pública que não comporta nem um por cento de sua população. Com índice de violência urbana e contra mulheres muito altos. Tendo sua população migrando para diversos municípios atrás de trabalho, estudo e diversas oportunidades, por falta de oferta na cidade.

Tendo na cidade condições de carência de atendimento escolar, hospitais, áreas de lazer, oportunidade de emprego. O que tende a embrutecer os indivíduos, mas é claro que os casos de violência contra mulher não são particulares a grupos de baixa renda. Porém essa reflexão é sobre a população de uma cidade específica analisando sua população.

Com a crise econômica e política instaurada no país atualmente, os índices de empregabilidade formal são baixos. Esses diversos problemas, assim como muitos outros que podemos discutir aqui, auxiliam na manutenção da violência. E São Gonçalo sendo uma cidade periférica com forte processo de segregação e alta incidência de pobreza urbana, não estaria longe disso.

A violência doméstica como um fenômeno complexo integra uma vasta gama de componentes relacionais que são pautados em vínculos subjetivos construídos socioculturalmente, por meio dos diversos modos de comunicação específicos. As relações travadas nestes contextos refletem a situação de desigualdade e a assimetria que conformam as relações de poder estabelecidas. O espaço privado, isto é, a esfera doméstica, mesmo que seus contornos não sejam monoliticamente definidos e a sua abrangência abarque sentidos além dos territoriais – incluindo-se questões representativas, simbólicas, subjetivas e objetivas –, constitui uma importante tessitura implicada a outras construções societárias. Esta estrutura define o habitus incorporado e o exercício de poder estabelecido, muitas das vezes, com a supressão de autonomia e extinção dos limites de alteridade de outros membros. (BARROS, 2005, p. 39).

O espaço de violência doméstica é um espaço que abusa de todos que compõem este ambiente e algumas vezes ela é direcionada a este público – o que não deixa, é claro, de também violentar as mulheres nesse espaço, já que dentro desse ambiente agressivo existe a possibilidade que o agressor pode ser qualquer pessoa deste ambiente (como o pai ou a mãe, entre outras pessoas que compõem este lar).

A análise crítica do contexto no qual se insere o tema, é necessita de uma reflexão atenta sobre a cidade. Será que podemos, enquanto produtores culturais, repensar nossas práticas cotidianas de ação de forma que possa auxiliar nesse sistema de violenta e mata mulheres, colaborando de alguma maneira para a transformação social? É hora de se debater o contexto cultural, social, político e econômico que alimentam esse nosso espaço tão violento. As mudanças da sociedade e a questão social do indivíduo caminham juntas. Com

isso, é de extrema importância esse debate, aprofundando cada vez mais nessas questões que permeiam a sociedade contemporânea.

É imprescindível, uma reflexão em diversos e distintos espaços, e um deles é na própria escola. Como sujeitos ativos, podemos usar nosso corpo político, principalmente como profissionais da área da cultura, para atuar de forma propositiva e pressionar cada vez mais por políticas culturais que venham a minimizar todas as formas de violência. Estas devem ser cada vez mais pensadas e criadas para que todas as formas de violência contra mulher sejam erradicadas e que todos os espaços, públicos ou privados sejam espaços seguros, não tendo mais a necessidade de se sentir amedrontada em qualquer ambiente. Sendo esta ainda, não realidade, pois nosso sistema nos obriga a sentir medo a todo instante.

Com isso, temos o interesse em dialogar o tema violência contra mulher. Dentro do ambiente escolar, trazendo o debate junto a essa temática, construindo e refletindo junto aos estudantes. Desenvolvendo este buscando a colaboração de professorxs e por toda a escola. Sendo assim, deve ser pensado coletivamente com a intenção de desenvolver a integração da família e a comunidade com a escola.

Tendo nesta atividade o objetivo de: Dialogar junto a comunidade escolar o debate sobre gênero. Com isso, o interesse de produzir um evento na escola organizado pelo alunxs com fim pedagógico e colaborativo e integrar escola com comunidade local. Está de forma formativa, para que a mesma possa ser reproduzida e levada para outros espaços e multiplicando-a.

Esta iniciativa torna-se, possível, sendo a proponente participante do Grupo de pesquisa GESDI e estando em direto contato com o MMSG. Além de ser moradora da cidade. Buscando assim, amarrar o diálogo entre essa rede e oportunizar uma facilidade de trabalho em conjunto em um ambiente tão propício a esses questionamentos, tendo em vista que a complexidade da temática acompanhada de dados alarmantes dos casos de violência na cidade. Não se torna mais plausível não questionar, debater e dialogar esse tema com a sociedade e a escola.

O público alvo são os alunxs da rede de ensino em São Gonçalo, mas com possibilidade de alcance de outros grupos tendo em vista que no fim da atividade a proposta de produção e criação que será proposta aos alunxs, poderá alcançar diversos outros grupos como: pais, mães, professorxs e a comunidade escolar. Trazendo como contrapartida estimular a democratização e inclusão de temáticas ainda invisibilizadas e a apropriação desse espaço escolar pelos alunxs pelo processo criativo. Sendo este um programa educativo e gratuito.

METODOLOGIA

As orientações metodológicas seguem de acordo com a elaboração de uma sequência de atividades que colaboram para um enriquecimento cultural de todos os presentes, afinal, através de intervenções como: mostra de filmes e documentários, palestras, rodas de conversa, oficinas e estimula a criação e produção. A oficina perpassa por momentos de reflexão que cruzam por questionamentos de comportamento social dos sujeitos – debate, reflexões, e ações a serem executadas.

OBJETIVOS

GERAL:

Organizar atividades no cotidiano escolar que possam auxiliar para um debate reflexivo sobre gênero, violência contra mulher e temas que estejam relacionados a este. De forma formativa para que a mesma possa ser feita de forma continuada no ambiente escolar. Estimulando nos estudantes a criação e o trabalho coletivo.

ESPECÍFICOS:

1. Facilitar o diálogo entre as redes (Secretária de Educação de São Gonçalo, MMSG, o grupo de pesquisa GESDI da UERJ/FFP e Escolas)
2. Motivar e valorizar a participação das redes de proteção da mulher e a comunidade para dentro do cotidiano escolar, assim como dos alunos
3. Formar professorxs e alunxs
4. Provocar de forma crítica e reflexiva a problemática da violência contra mulher e temas relacionados
5. Fomentar a participação/envolvimento dos alunos, estimulando a participação, criação e construção coletiva na atividade

ESTRATÉGIA DE AÇÃO

- Criar um canal de diálogo, construção e apoio coletivo entre Movimento de Mulheres em São Gonçalo, Secretária de Educação de São Gonçalo o grupo de pesquisa GESDI da UERJ/FFP e a Equipe escolar.
- Definir possibilidades de espaço na escola para a realização da atividade
- Confeccionar formulário de Inscrição
- Confecção do termo de consentimento do uso de espaços

- Pedir autorizações de uso necessárias
- Reunião com professorxs e coordenação para apresentação do projeto
- Definir qual a estrutura básica que forneceremos para atividade
- Definir horários de realização das atividades, mostra de filmes e rodas de conversa.
- Conhecer o espaço escolar e o ambiente disponibilizado pela escola para encontros.
- Organizar pessoal para participar das atividades propostas
- Listar todos os equipamentos e estruturas necessários para a realização da atividade
- Organizar lista de possíveis convidadxs e colaboradores.
- Verificar necessidade de transporte para convidadxs
- Verificar tempo da atividade e testar equipamentos
- Construir um espaço para trocas e debates com amostras de filmes e documentários.
- Dialogar a temática de forma fluida deixando que possam ter autonomia na fluidez dos encontros.
- Debater junto xs professorxs com propostas de atividades em conjunto que estimulem a participação dxs alunxs.
- Cultivar uma relação entre equipe e a escola, estabelecendo um acompanhamento junto à escola para continuidade da atividade, pois este auxiliará na estabilidade da mesma neste espaço.
- Capacitação e formação para permitir que xs proprixs professorxs e alunxs, continuem a atividade nesse espaço.
- Estabelecer contato com a rede de proteção para contribuir para continuidade do projeto.
- Fotografar espaços para realização das atividades
- Verificar limpeza do espaço

ORÇAMENTO

Este projeto não oferece custo a seus realizadores, sendo pensado de forma a ser auto-construído e colaborativo, solicitando apoio de pessoal e apoio a rede de proteção à mulher e a escola.

- Utilizar dos profissionais já disponíveis nas unidades em seu horário de trabalho.
- Solicitar da escola recursos como: básicos, como projetor, quadro, sala e piloto.

- solicitar junto à coordenação que todos os participantes possam aproveitar do almoço oferecido na escola.
- No caso de convidadxs externos que os mesmo possam ir a escola, utilizando da passagem que gastariam indo ao local de trabalho, recebendo compensação de horas.
- Utilizar os materiais disponíveis e oferecidos pela rede de apoio e escola.
- Os vídeos produzidos serão feitos de forma individual e caseira, buscando além de autonomia uma proximidade na oportunidade de criação.
- Solicitar a participação nas atividades propostas de convidados da rede de apoio proposta neste trabalho para colaborarem e auxiliarem na mesma de forma formativa, diferenciada e organizada.

PLANEJAMENTO DE ORÇAMENTO		
MATÉRIAS	QUANTIDADE	TIPO
Quadro	1	EMPRÉSTIMO
Piloto	1	EMPRÉSTIMO
Retroprojctor	1	EMPRÉSTIMO
Câmera de celular	Diversas	USO DXS ALUNXS
Passagens dxs Convidadxs	-	-
Alimentação dxs convidados	-	NA ESCOLA

CONTRAPARTIDA

- Todos os participantes dessa atividade receberam de acordo com seu apoio certificados como de Formação continuada, Participação, Produção, aplicação de atividade e ouvinte.
- Oferecendo diminuição da carga horária para os profissionais da rede que auxiliarem na mesma.
- Promoção e divulgação do trabalho exercido pelo MMSG e secretária de educação de São Gonçalo.

- Promoção e divulgação do trabalho exercido pelo MMSG, GESDI, Secretária de educação de São Gonçalo e demais possíveis colaboradorxs.

CRONOGRAMA:

Semana	Atividade
1º Semana	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação do projeto e busca de apoio com a Secretaria de Educação de São Gonçalo ● Mapear junto a Secretaria as escolas de disponibilizam o 2º segmento do Ensino Fundamental. ● Apresentação do projeto e busca de apoio com o Movimento de Mulheres em São Gonçalo. ● Organizar junto ao MMSG pessoal e material de apoio disponível. ● Visitar as escolas e Apresentar a proposta junto com xs apoiadores. ● Apresentação do projeto e autorização de efetivação da atividade na escola junto a Coordenação pedagógica da Escola.
2º Semana	<ul style="list-style-type: none"> ● Dialogar com aquelxs que estarão diretamente envolvidxs no desenvolvimento do projeto ● Desenvolver junto a escola um cronograma de atividades ● Organizar essas atividades e contatar colaboradorxs
3º Semana	<ul style="list-style-type: none"> ● Reserva de Equipamentos e recolhimento de materiais (Espaço, acessórios e som) ● Reunião com todos xs professorxs que irão participar ● Reserva de espaço que possa ser usada para encontros, mostra de filmes e debates de forma continuada. ● Divulgação da Apresentação
4º Semana	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação da atividade formativa e proposta de paródia e vídeos. ● Apresentação dos grupos das paródias e gravação da atividade feita pelos alunxs percebendo sua movimentação e musicalidade. ● Edição e finalização
5º Semana	<ul style="list-style-type: none"> ● Pós-produção (Elaboração de relatório e envio cópia final para os colaboradores)
Ao longo do ano letivo	<ul style="list-style-type: none"> ● A partir da organização de um cronograma junto a cada unidade escolar que concorde em participar do projeto, organizamos um novo cronograma de atividade particular a cada especificidade da escola e respeitando o espaço da escola, onde, possam desenvolvidas outras atividades como: mesas de debate, amostras de filmes, palestras entre outros. Com auxílio de toda equipe do projeto e sua rede de apoio.

DESENVOLVIMENTO

Junto aos primeiros contatos com a rede, nossa proposta é que a escola disponibilize um espaço para uma oficina que irá ser feita uma apresentação, onde nesse mesmo espaço serão debatidas diversas definições e explicações sobre temas relacionados a gênero e feminismo entre outros temas que possam estar relacionados.

A oficina que irá dialogar com comunidade escolar é um pontapé inicial para abertura desse espaço na escola de forma a usá-lo ao longo do ano. Nesse mesmo espaço propõe-se, promover encontros - mostra de filmes e documentários, envoltos a diversas temáticas que possam auxiliar na reflexão e debate.

Para auxiliar nesses encontros será produzido um cronograma junto a escola, de acordo com a disponibilidade da mesma. Assumindo a responsabilidade de facilitar o diálogo com convidadxs que participem da Rede que estamos propondo organizar para trabalho em conjunto neste projeto, para auxílio nessa construção das atividades. Com isso, busca-se, cativar e auxiliar para que a equipe escolar possa auxiliar e dar prosseguimento a essa construção, para que ela não acabe em si, mas seja alimentada e vire parte do cotidiano escolar inclusive dando possibilidade de trazer diversas outras temáticas.

A oficina proposta como uma intervenção que seria os primeiros passos de contato com a comunidade escolar, tem o interesse de formar todxs que dela queiram participar. Após os primeiros contatos com os estudantes propõe-se, solicitar a direção a disponibilidade de realizar uma atividade com xs estudantes que possa contribuir com sua formação. A proposta será que cada turma elabore uma paródia com o tema Violência contra Mulher de forma a dar visibilidade a temática, essa atividade contará com a colaboração da articuladora e a partir dela será produzido um vídeo produzido pelo próprixs alunxs. Sendo acompanhada em sua pré-produção, produção e pós-produção. Tendo como objetivo final o vídeo com o trabalho realizado que será exposto de forma aberta, preferencialmente em um dia letivo, convidando a comunidade local, para participar. Nesta primeira atividade convidaremos a rede de apoio para auxiliar com materiais e pessoal para diálogo e construção com o alunxs.

A criação de Paródia é uma proposta que estimula o lado criativo e também o trabalho coletivo que será acompanhado pela elaboração de alguns vídeos, mas também com pôsteres, dança, sem restrições de estilos ou gêneros, com uma sequência vinculada a tema violência contra mulher. A exigência é que xs alunxs criem e participem de forma que

cantem, dancem, sejam livres para sua criação abordando de forma diversas o tema, aceitando é claro, ideias deles mesmos, que possam contribuir no debate. O espaço físico da escola é importante podendo ser utilizado um auditório, salas multiuso, sala de informática, pátio ou os recursos físicos disponíveis na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs revisar conceitos e problematizar alguns aspectos com foco na mulher em sociedade, pensando especialmente as violências sofridas por elas. Neste sentido, dividimos o trabalho em três capítulos que tinham o interesse de demonstrar as possibilidades de construir este debate dentro do ambiente escolar, a partir de um projeto que busca apoio e articulação de uma rede de apoio com colaboradorxs.

Inicialmente, enfocam-se alguns fragmentos da história do feminismo no Brasil, bem como algumas das indagações que envolvem essa trajetória. Posteriormente, apresentam-se alguns tipos de violência contra mulher, distinguindo-os: Violência física, Violência moral, Violência psicológica, Violência patrimonial, Violência sexual. Destacamos também os conceitos de Violência contra a mulher, Violência doméstica, Violência intrafamiliar e Violência de gênero, bem como outras noções ligadas à violência de gênero.

Posteriormente, traz o relato de um projeto apresentado no Colégio Estadual Doutor Nilo Peçanha, relatando a atividade por completo destacando como ele foi apresentado, elaborado e percebendo nesse processo a necessidade de sua continuidade. Com isso, no último capítulo, apresentamos um projeto que possa ser apresentado junto a Secretária de Educação de São Gonçalo para que a mesma permita a entrada desse projeto nas escolas municipais, assim como a busca por um trabalho colaborativo com a rede de apoio e proteção da Mulher que neste caso buscaremos uma parceria direta com MMSG. Com essa parceria, entraremos em contato com as escolas municipais, apresentando a proposta, buscando um trabalho conjunto com as escolas.

O projeto tem entre suas finalidades, propiciar um espaço formativo, que possa além de debater e problematizar as questões da violência e as opressões de gênero, que os participantes da mesma possam ser disseminadores, ou seja, possam dar continuidade ao projeto de forma, que se torne parte do corpo escolar.

Pensando nisso, o projeto se preocupou em não buscar apoio financeiro e dar preferência nas parcerias com as redes que já estão trabalhando na cidade. Com isso, pensamos em uma oficina formativa e uma construção coletiva de um cronograma de atividade criado em cada escola. Com a intenção que a escola possa dar continuidade às atividades, tendo em vista as redes que serão tecidas nesse processo facilitando o diálogo e trabalho coletivo entre os personagens, se expandido a outras de forma compartilhada e colaborativa. Reforçando a rede e pluralizando cada vez mais o apoio e a proteção à mulher. Como consequência, temos a intenção de diminuir com a violência contra mulher. E que esta sirva como iniciativa para outras propostas.

O trabalho ressalta que ainda existem lacunas a serem preenchidas pensando as mulheres na sociedade e diversos elementos que as envolvem. O feminismo é utilizado como base desta pesquisa por ser um modo de viver e buscar direitos iguais entre homens e mulheres, além da libertação de diversos outros tipos opressões — ainda que tenha se mantido aqui o foco sobre a opressão pela força apoiada pela sociedade patriarcal e ancorada pelo sistema cultural em seu meio social.

É importante que sejam alteradas as perspectivas e as formas de analisar a sociedade, o tempo, política e a economia (assim como outros temas) de forma a quebrar as correntes que dominam e colaboram para a perpetuação de tipos de opressão e (direta ou indiretamente) de tipos de violência.

Os tipos de violência que relacionados não configuram novidade e não se iniciam na sociedade contemporânea. Mesmo com os altos índices de violência doméstica contra mulher por todo Brasil e com todos os mecanismos atuais de registro e criminalização (que já são avanços em nossa sociedade machista), vemos nitidamente que não são essas ferramentas suficientes para minimizar os casos de opressão e violência, uma vez que na maioria das vezes esses casos não são nem ao menos levados a sério. Temos políticas públicas ainda brandas e pouco efetivas para que se acabe com a violência contra mulher. Não seria então necessário pensar em educar e reeducar nossa sociedade e seus sujeitos?

Pensar em melhorias e ampliação de políticas públicas já existentes e seus fortalecimentos além de ações de medidas judiciais protetivas eficazes, apoio psicológico, social entre outras poderiam auxiliar em denúncias e diminuição da violência. Isso traz a possibilidade de analisar o espaço em uma perspectiva da mulher e da violência sofrida por ela dentro do espaço privado e também o público, contribuindo para um olhar atento às opressões de gênero. Com efeito, este projeto tem um interesse de movimentar dentro da escola tal debate como forma de auxiliar uma reflexão desde a escola, onde, no momento ainda de formação possamos começar a quebrar essas correntes que reafirmam e dão manutenção a práticas discriminatórias, sexistas, violentas e machistas.

Sabemos que a atual estrutura curricular das escolas brasileiras não atende por completo as demandas sociais e, por isso, muitos temas ainda não estão inseridos no cotidiano escolar, inclusive sendo muitas vezes negligenciados. A escola é um ambiente plural e diversificado, organizado múltiplas realidades e interlocuções. Não é apenas um espaço educativo, mas cultural. Sendo este um lugar de criação e produção importantíssimo para receber esse projeto.

Dessa forma, também sabemos que temos que enfrentar diversos setores para o andamento dessa proposta. Uma delas é o próprio Projeto de Lei Escola sem Partido. Pois, visa eliminar discussões e reflexões que aguçam o pensamento crítico no ambiente escolar. Buscando restringir os conteúdos de ensino e os reproduzindo de forma superficial com uma perspectiva de neutralidade contrariando a liberdade de ensinar e aprender.

Estando nesse processo todxs xs professorxs limitados em seus debates e discussões, colocando sua atuação de simplista em sala de aula, não podendo veicular conteúdos que possam induzir construir e dialogar com estudantes em assuntos religiosos, políticos, ideológicos entre outros que provoquem a análise crítica de diferentes processos e fenômenos, imagina, portanto, temas como gênero. A base camuflada desse projeto é não deixar que o projeto de escola conservadora, racista, homofóbica, sexista, meritocrática, mercadológica e patriarcal acabe.

Estamos cientes que nesse processo ainda existe um longo caminho a percorrer e iremos caminhar nele em passos lentos. Porém, é tempo de continuar lutando e resistindo, para existir! Vemos um processo de retrocesso gigantesco na política brasileira que limita e nega os avanços e conquistas, essas no campo da educação e da cultura.

Todxs têm o direito de ter acesso ao ensino de qualidade de forma justa e igualitária, independentemente de sua condição social. Buscando uma reflexão ao seu papel social e sua vida em sociedade. Para isso, diálogos com a escola acabam por oferecer ferramentas intelectuais para que eles possam analisá-las criticamente o meio onde vivem, sabendo assim agir/compreender sobre o mundo. Estimulando, assim, um importante diálogo com a formação do cidadão, através de uma visão de mundo consciente.

Nessa conjuntura, é importante estimular as diversas possibilidades de expressões e manifestações culturais dentro do ambiente escolar. Incorporando as mesmas no cotidiano escolar, auxiliando para que seja elx também protagonista e articulador. Com isso, tecemos uma possibilidade de projeto que trabalhe coletivamente e articulado com as escolas, Secretária de educação de São Gonçalo e Movimento de Mulheres em São Gonçalo, novas formas de trabalho com objetivo de diminuir os casos de violência. Sendo esta uma forma de luta e resistência social.

Pensando aqui, como prática cultural junto às práticas pedagógicas articuladas com o desenvolvimento e criação de trabalho conjunto no cotidiano escolar, um diálogo com a Produção Cultural. Buscando como objetivo fim estimular a cultura em seu sentido mais amplo com criação de um projeto, ou seja, de um produto que estimula dentro do ambiente escolar uma reflexão dialógica e uma produção independente de uma paródia que seria

gravada e exposta, estimulando a musicalidade e a criação coletiva. Sendo um produto fim desenvolvido pelxs studentxs. Este que busca questionar o sistema cultural Machista que violenta e agride mulheres todos os dias, usando formas e expressões culturais para dialogar sobre essa realidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suely Souza de. org. Violência de gênero e políticas públicas. RJ: UFRJ, 2007.

ALVEZ, Natália Cristina E GUIMARÃES, Raul Borges. Escala geográfica, câncer de mama e corpo feminino. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 245-253, ago. / dez. 2010.

BARROS, Nivia Valença. Violência intrafamiliar contra criança e adolescente. Trajetória histórica, políticas sociais, práticas e proteção social. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2005. Disponível em <http://www.uff.br/mais_humana/acervo/publicacoes/teses/viol_intraf1.pdf>

BRASIL. Presidência da República. Lei Maria da Penha. Lei N.º11.340, de 7 de agosto de 2006.

DECLARAÇÃO E PROGRAMA DE AÇÃO DE VIENA. Conferência Mundial sobre Direitos Humanos, Viena, 14-25 de junho de 1993.

Dicionário escolar da língua/ compilado do Alfredo Scottini. – Blumenau, SC: Todolivro Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2007

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Dossiê mulher 2018 / Orlinda Claudia R. de Moraes, Flávia Vastano Manso, organizadoras. – 13. versão. – Rio de Janeiro: RioSegurança. Instituto de Segurança Pública (ISP – RJ), 2018

MOVIMENTO MULHERES DE SÃO GONÇALO. Disponível em: <<https://www.movimentomulheres.com.br>> . Acesso em: 22/01/2019)

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de, Cassab. Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, ISSN 2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

REGIMENTO ESCOLAR BÁSICO DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO GONÇALO. PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GONÇALO SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. São Gonçalo, 25 de outubro de 2004 <http://www.pmsg.rj.gov.br/educacao/docs/regimento_escolar.pdf>

SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza. Violência de gênero: poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(2): 264, maio-agosto/2004.

SEPULVEDA, Denize. Emancipação social e exclusão no cotidiano escolar: a homofobia e sua influência nas tessituras identitárias. Tese (Doutorado em Educação). RJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.